

TRABALHO E A SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES: UMA ANÁLISE DO CONTEXTO DE MULHERES QUE DESEMPENHAM ATIVIDADES DE CONFECÇÃO NA ESFERA DOMÉSTICA

WORK AND THE SOCIOLOGY OF EMOTIONS: AN ANALYSIS OF THE CONTEXT OF WOMEN PERFORMING CLOTHING ACTIVITIES IN THE DOMESTIC SPHERE

Débora Alves Lopes Vieira¹

RESUMO: Esse trabalho objetiva apresentar uma discussão sobre o trabalho domiciliar, com foco nas pessoas que se ocupam com atividades de confecção, a fim de compreender a divisão social/sexual do trabalho nesses ambientes e a administração das emoções. Para tanto, partiremos de uma análise da sociologia das emoções, tendo em vista que a partir desse olhar podemos analisar as desigualdades das estruturas sociais em sua relação com o sentimento, o emocional e as grandes influências que podem exercer nesse contexto. O artigo é composto sobretudo de uma análise bibliográfica. Ao tratarmos as emoções como uma categoria sociológica, abre-se a possibilidade de ampliar a compreensão para além de uma análise macro, generalizante, focada em tradições. Dito isto, para dar conta da discussão serão utilizados na construção teórica desse artigo autores como Hochschild, Jaggar, Bonelli, Nunes, Kergoat, Piscitelli, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Setor de confecção. Trabalho domiciliar. Trabalho doméstico. Emoções.

ABSTRACT: This paper aims to present a discussion about home work where people are engaged in clothing activities, in their relationship with domestic work, in order to understand the social / sexual division of labor in these environments and the administration of emotions. In order to do so, we will start with an analysis of the sociology of emotions, considering that from this perspective we can analyze the inequalities of social structures in their relationship with the feeling, the emotional and the great influences that can exert in this context. In treating emotions as a sociological category we open the possibility of broadening understanding beyond a macro, generalizing, tradition-focused analysis. That said, to give account of the discussion will be used in the theoretical construction of this article, authors such as Hochschild, Jaggar, Bonelli, Nunes, Kergoat, Piscitelli, among others.

KEYWORDS: Clothing industry. Home work. Housework. Emotions.

INTRODUÇÃO

A segunda metade do século XX foi marcada por mudanças profundas na economia, na política e principalmente nas relações sociais e na forma de pensar e agir das pessoas. Uma verdadeira metamorfose que criou várias tensões, desafios e possibilidades.

As mudanças no mundo do trabalho foram significativas nesse período. Novos modelos produtivos, novas relações de trabalho e a questão de gênero se tornaram

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás. Licenciada em Ciências Sociais. Bolsista Capes. debora.eeiufg@gmail.com



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

temas de debate, principalmente no campo da sociologia. A categoria de gênero estava ausente nos estudos sobre trabalho, sobretudo no período anterior a década de 1970. Após esse período com o impulso do movimento feminista torna-se mais evidente as diferenciações do trabalho masculino e feminino, despontando como centrais nas transformações no mundo do trabalho, no contexto de reestruturação produtiva (HIRATA, 1998).

O setor de serviços de acordo com Nunes (2011) fortalecia mediante as diversas condições criadas ao mercado com a intensificação de novas formas de produção. Dentre as atividades exercidas no setor de serviços destaca o setor de confecções, como uma área predominantemente feminina. Ressalta-se outra grande marca do setor de serviços, a divisão sexual do trabalho e conseqüentemente a desvalorização do trabalho da mulher e a invisibilidade do trabalho reprodutivo. (NUNES, 2011; PISCITELI, 2009)

Apesar do processo de reestruturação do setor de confecções, da modernização, do desenvolvimento tecnológico, a manutenção de antigas formas de trabalho, e principalmente as condições precárias e a desvalorização do serviço desenvolvido por mulheres ainda prevalecem, perpetuando em um contexto geracional aprendido ainda na infância.

Neste artigo será abordada uma discussão das atividades de confecção desenvolvida no ambiente domiciliar e sua relação com o trabalho doméstico, estando inserida no setor de serviço. Neste caso compreendendo o trabalho domiciliar como trabalho remunerado realizado no ambiente domiciliar e trabalhos domésticos como afazeres domésticos desenvolvidos na manutenção de uma casa. Essa análise foi realizada sob o prisma das relações de gênero e da sociologia das emoções.

A base teórica e epistemológica desse trabalho tem como referência o diálogo com teóricos do campo da sociologia das emoções norte-americana, sociologia do trabalho e grandes feministas, na discussão da questão de gênero.

Para tanto partiremos por uma análise da sociologia das emoções e das relações de trabalho, tendo em vista que a partir desse olhar podemos analisar as desigualdades das estruturas sociais em sua relação com o sentimento, o emocional e as grandes influências que podem exercer nesse contexto. O artigo será discutido em três sessões, iniciando com uma compreensão da sociologia das emoções, em seguida do setor de serviço e finalizando com uma discussão sobre o trabalho domiciliar, trabalho doméstico e o trabalho emocional.

1. AS EMOÇÕES ENQUANTO CATEGORIA SOCIOLÓGICA

De acordo com Jaggar (1997) as emoções têm sido subjugadas como prejudiciais ao conhecimento, partindo do pressuposto que desde Platão a razão é fonte indis-

pensável à produção do conhecimento. A autora ressalta uma relevante discussão na relação entre razão e a emoção na produção de conhecimento no contexto histórico: [...] A razão não só se opõe a emoção, mas é associada ao mental, ao cultural, ao universal, ao público e ao masculino, enquanto a emoção é associada ao irracional, ao físico, ao natural, ao particular, ao privado e, obviamente, ao feminino (JAGGAR, 1997, p.157).

Somente no século XX, nas últimas décadas, que as discussões sobre a emoção começaram a ganhar mais destaque, nesse contexto de valorização da razão como indispensável ao conhecimento. Tensões teóricas se estabeleceram na tentativa de constituir “as emoções” enquanto categoria sociológica. Das tendências apresentadas nesse contexto, a construtivista, estabelecida por autores como Arlie Rochschild, torna-se fundamental nas discussões sobre gênero, avivadas também em meados dos anos de 1970.

1.1 EMBATES CONCEITUAIS NO FINAL DO SÉCULO XX

As discussões teóricas sobre as emoções intensificaram-se mais no final do século XX, enquanto categoria sociológica, com estudiosos norte-americanos. Discussões essas acaloradas em torno de conflitos conceituais, analisando as emoções por perspectivas distintas e por vezes inconciliáveis.

Dois posições teóricas se formaram nos embates sociológicos sobre as emoções, uma posição universalista, naturalista, representada por teóricos como Theodore Kemper e Jonathan Turner e a abordagem construtivista concebida por estudiosos como Arlie Hochschild, Susan Shott entre outros (TORRES, 2009).

As duas posições se distinguem e se explicam constituindo um embate com a outra abordagem. De acordo com Torres (2009) os autores adotam uma postura de construir sua posição contrastando-a com a outra abordagem, preocupando em reportarem-se com a outra e não de fato descrever e destacar suas características internas. Nesse contexto a autora descreve a tendência universalista ou biossocial:

[...] O polo universalista defende uma posição científica (segundo o modelo da ciência natural) e afirma a preponderância do substrato biológico sobre os fatores sociais. Propõe também, que as emoções são indissociáveis da história evolucionária da espécie, estão pré-fixadas no organismo humano e são prontamente identificáveis por certas substâncias características produzidas pelo cérebro. (...) todas as emoções primárias encontradas em sociedades particulares, ainda que aparentemente distintas, derivam de emoções primárias, de base biológica, generalizáveis para todas as sociedades humanas (TORRES, 2009, p. 18-19).

Já a outra abordagem, conhecida como “construcionista” ou “interacionista” ou até mesmo “sociocultural”, de acordo com Torres (2009) se diverge da primeira ao ressaltar que as emoções não podem ser somente definidas por seu caráter biológico, mais que isso, as emoções são socialmente construídas, variando de tempos em tempos e em cada sociedade. Para essa tendência cada sociedade tem suas regras, mesmo as de sentimento, cada uma expressa suas emoções de formas diferentes, portanto, as emoções não podem ser definidas ou explicadas apenas como substrato fisiológico.

De acordo com Torres (2009) a abordagem universalista tem a preocupação de constituir um modelo explicável, objetivo, de forma que as emoções possam ser calculadas, presumidas e livres de qualquer subjetividade. A posição construtivista, por entender as emoções como uma construção social, compreende que elas estão relacionadas aos processos de controle e de coesão social, sem uma regra de como será, sem certezas, podendo ser trabalhadas de acordo com cada ambiente, situação, ou qual papel social se estabelece naquele determinado contexto, ou determinada sociedade.

A tensão entre essas duas posições se dá em um momento em que as “emoções” tentam se constituir enquanto categoria sociológica. As duas vertentes travam esse embate conceitual na tentativa de explicar e sobrepor sua posição em detrimento da outra.

Os estudos sobre as emoções, na área da sociologia ainda é incipiente. Fazem-se necessários maiores avanços nesse campo, tendo como pressuposto que a partir de uma sociologia das emoções é possível investigar, analisar e compreender várias desigualdades das estruturas sociais, com um olhar mais ampliado, buscando uma totalidade² dos fenômenos.

1.2 A SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES: ABORDAGEM CONSTRUTIVISTA

A abordagem construtivista/sociocultural tem contestado cada vez mais as suposições universalistas, do modelo positivista. Para Jaggard (1997), a visão universalista não se sustenta na medida em que objetivam e generalizam as emoções, compreendendo-as como sensações, respostas fisiológicas, ignorando o contexto em que as emoções podem ser experimentadas. Para a autora as emoções se diferem de sensações, de respostas fisiológicas, por dependerem das disposições dos sujeitos, do tempo e do contexto em que estão inseridos.

[...] Pode-se perceber claramente que as emoções são socialmente construídas quando se ensina deliberadamente às crianças aquilo que sua cultura define como resposta apropriada a certas situações: ter medo de pessoas estranhas, gostar de comida tem-

² Totalidade no sentido marxista, buscando não tudo, mas um todo significativo, uma síntese das múltiplas determinações. Não é tudo que interessa, mas o que foi determinante na realidade, ou seja, um passado que não passou.

perada ou gostar de nadar em água fria. Num nível menos consciente, as crianças também aprendem o que sua cultura define como maneiras apropriadas para expressar as emoções que ela reconhece (JAGGAR, 1997, p. 163).

Arlie Hochschild, Susan Shott e Steven Gordon³, são os principais representantes de constituição dessa posição teórica sobre as emoções. Tanto Hochschild quanto Shott ressaltam a emoção como essencial para a organização coletiva de qualquer sociedade, no que diz respeito às “regras de sentimento” estabelecidas por cada uma, bem como os “vocábulos emocionais” criados socialmente (TORRES, 2009).

Hochschild, em sua discussão sobre as emoções, relaciona diversos sentimentos, tais como: raiva, luto, afeto, inveja, amor, alegria entre outros, com fatores e contextos sociais, com temporalidade. Ou seja, características externas, de forma que inviabiliza a concepção positivista, imposta pela vertente naturalista (BONELLI, 2003).

Jaggar (1997), ao discorrer sobre essa concepção de Hochschild e os demais teóricos dessa vertente em questão, ressalta a posição de emoção enquanto construção social:

[...] Até emoções aparentemente universais, como a raiva ou o amor, podem variar de uma cultura para outra. (...) O amor romântico foi inventado na Europa na Idade Média e, desde então, tem sido modificado consideravelmente; por exemplo, não é mais restrito à nobreza e não necessita mais ser extraconjugal ou não consumado. Em algumas culturas, o amor romântico nem mesmo existe (JAGGAR, 1997, p. 164).

De acordo com Bonelli (2003, p. 358) um dos pontos abordados por Hochschild sobre a sociologia das emoções é o trabalho emocional. Constitui-se, portanto como “uma forma consciente como os seres humanos atuam para suprimir a distância entre o que estão sentindo e o ideal que têm do que deveriam sentir”.

O trabalho emocional para Hochschild estaria relacionado a uma administração, manipulação dos sentimentos, como forma de adequação a diversas disposições do sujeito na sociedade, criando “expressões faciais, corporais” adaptadas a alguma situação, por vezes, administração essa trocada por um salário. Análise essa feita para discutir as relações de gênero e a posição da mulher nas novas relações de trabalho, na vida pública e privada (BONELLI, 2003).

Com essa discussão de Hochschild sobre a sociologia das emoções e sua vinculação com as relações de gênero e de trabalho encerra-se essa sessão. Discutiremos adiante um pouco sobre as intensas mudanças ocorridas no mundo do trabalho no final

³ Steven Gordon compartilha da mesma posição teórica de Arlie Hochschild e Susan Shott, no entanto, o foco de sua análise se firma mais sobre “os sentimentos” do que “as emoções” em si. (Ver mais sobre a perspectiva de Gordon: GORDON, 1981; TORRES, 2009)

do século XX, com foco do trabalho em serviços e posteriormente como à sociologia das emoções podem ajudar a compreender as diversas desigualdades existentes em uma das ocupações desse setor.

2. TRABALHO EM SERVIÇOS

Nas últimas décadas do século XX mudanças significativas aconteceram no mundo do trabalho, uma nova roupagem do modelo de produção capitalista desponta. Neves (2000) ressalta que a entrada de novas tecnologias e o declínio do modelo taylorista/fordista, despontou em uma nova morfologia do trabalho.

De acordo com a autora essa nova configuração de acumulação capitalista, com maior circulação de capital e ampliação dos mercados, bem como um modelo de produção flexível, proporcionava mudanças significativas. Uma verdadeira metamorfose não só nas relações de trabalho como também na divisão sexual do trabalho (NEVES, 2000).

Em um modo de produção que privilegiava até então majoritariamente o trabalho produtivo, a partir, da reestruturação produtiva, com a intensificação das novas tecnologias, bem como a fragmentação das cadeias produtivas na indústria, as relações de trabalho também mudam. Cresce o desemprego, qualificações específicas são cobradas, essas entre outras transformações impulsionam o setor de serviços⁴ (DUTRA, 2011).

De acordo com Nunes (2011), o mercado de trabalho com essas transformações passa a exigir profissionais qualificados que deem conta do novo mote do trabalho que se expande em escala global. Em meio a esse contexto de novas tecnologias e desenvolvimento, exigindo capacitação do setor de serviços, ainda existe uma grande demanda no setor em atividades que não demandam tanta qualificação.

Outra problemática é em relação à flexibilização do trabalho, partindo do pressuposto que essa forma de trabalho abre grandes possibilidades, em termos de adequação a esse momento de novas relações de trabalho. No entanto, prejudica a regulamentação de trabalho e emprego, desinstitucionaliza as relações salariais, provocando precarização e subcontratação, principalmente entre os trabalhadores que compõem essa parte do setor que não é exigido tanta qualificação, ocorre um grande aumento na

⁴ O setor de serviços, também conhecido como setor terciário, caracterizado por atividades bastante heterogêneas. De acordo com Dutra (2011) os profissionais que não foram absorvidos no setor secundário, setor produtivo, se inseriram em atividades diversas, na oferta de serviços especializados. Nunes (2011) aponta que o setor de serviços é dividido em quatro subsectores: **produtivos** (serviços bancários, financeiros, etc); **distributivos** (transporte, comércio por atacado e varejo, etc); **sociais** (saúde, educação, religiosos, etc) e **personais** (domésticos, reparação, higiene e beleza, etc). No entanto, o autor destaca que essa divisão é passível de alterações e inclusões tendo em vista as especificidades do setor.

terceirização, surgem novas formas de relação de emprego, bem como uma alteração significativa em relação à jornada de trabalho (DAL ROSSO, 2017; NUNES, 2011).

Ao discutirmos sobre as profissões e ocupações que não exigem tanta qualificação e que estão mais passíveis de precarização e desvalorização, ainda mais quando analisamos a divisão do setor em subsetores, feita por Nunes (2011), as relações de gênero tornam-se uma discussão imprescindível. Compreendendo os subsetores produtivos e distributivos como mais valorizados, exigindo capacitações específicas para sua realização, e tradicionalmente ligadas a atividades majoritariamente masculinas. Já os subsetores sociais e pessoais, exigindo menos qualificação, em atividades relacionadas ao cuidado, ao ensino, a caridade, necessitando de qualificações que seriam “inatas” ao sexo feminino, são desvalorizados e representam grande parte dos serviços subalternos.

Esse entendimento está fundamentado na noção de estereótipos de gênero⁵ nas relações de trabalho que Yannoulas (2013) aponta como justificativa para a desvalorização do trabalho feminino. Destacando como esses estereótipos influenciam em uma segregação ocupacional, separando trabalhadores e funções por gênero.

Nesse sentido, as mulheres seriam direcionadas ao trabalho reprodutivo, relacionados ao cuidar e educar, entendendo como uma extensão do espaço privado familiar, “de responsabilidade da mulher”. Yannoulas (2013) destaca ainda que as justificativas são construídas culturalmente, de que o trabalho produtivo em sua maioria poderia trazer algum dano à saúde biológica da mulher e até mesmo afetar a sua capacidade reprodutiva, tendo em vista que essa é a prioridade na vida das mulheres. Portanto, a alternativa que as mulheres teriam mediante a suas especificidades biológicas e de adequação do tempo, relacionado às outras funções que tem como “obrigação desempenhar no ambiente familiar”, seria desempenhar funções ligadas a reprodução. Atividades estas que estão localizadas nos últimos subsetores citados por Nunes (2011), sociais e pessoais.

Ainda segundo Nunes (2011) a maior parte dos serviços subalternos no Brasil está relacionada ao trabalho doméstico, ou ligados à esfera doméstica. Constituindo “a face oculta dos principais serviços subalternos”, sendo considerados invisíveis e estigmatizados (Nunes, 2011, p. 42).

Compreende-se, portanto, que qualquer ocupação realizada em ambientes domésticos, mesmo que gere mais-valia diretamente, serão tidas como extensão do trabalho reprodutivo, sendo desvalorizada e estigmatizada. Dentre essas atividades de-

⁵ Yannoulas (2013) destaca como o perfil da mulher e do homem construído socialmente influencia nas relações de trabalho, de forma negativa para a mulher. A mulher é culturalmente definida como relacional, cuidadora, gentil, carinhosa, enquanto o homem é tido como assertivo, nervoso, competitivo, forte, ambicioso, criando assim estereótipos de gênero que separam as mulheres em homens nas funções que irão desempenhar.

envolvidas no setor de serviço e dentro da esfera doméstica, destacam-se as atividades de confecção, da qual discorreremos mais adiante.

3. TRABALHO DOMICILIAR, TRABALHO DOMÉSTICO E A ADMINISTRAÇÃO DAS EMOÇÕES

Além dos graves problemas de subcontratação, as atividades de confecção, desenvolvidas na esfera doméstica, exigem uma intensa administração das emoções. Dessa forma as mulheres em sua maioria desenvolvem durante a rotina de seu dia-a-dia o trabalho domiciliar, o trabalho doméstico e o trabalho emocional, constituindo assim, de acordo com Hochschild três extenuantes jornadas de trabalho (BONELLI, 2003).

3.1 ATIVIDADES DE CONFECCÃO NA ESFERA DOMÉSTICA

O setor de confecção, de acordo com Nunes e Campos (2006), enquanto trabalho em serviços, emprega majoritariamente a força de trabalho feminina. Caracterizado pela precarização e subcontratação de grande parte da cadeia, tem sua situação agravada quando especificamos para as atividades de confecção realizadas na esfera doméstica.

Quando as atividades de confecção são realizadas dentro do ambiente doméstico, outra discussão sobre trabalho domiciliar e trabalho doméstico torna-se extremamente relevante. Essa relação é analisada pelos autores sob um olhar das relações de gênero.

[...] Nessa representação o trabalho domiciliar articula-se com o trabalho doméstico, ainda que em sua conceituação, eles sejam até opostos. Ainda que a atividade de costurar para o próprio núcleo familiar esteja, há muito, em desuso, é difícil caracterizar a costura realizada no próprio domicílio como uma atividade radicalmente diferente de cozinhar, limpar ou lavar/passar roupa. A máquina de costura (...) praticamente faz parte do mobiliário doméstico (NUNES E CAMPOS, 2006, p. 246).

A formação sócio-histórica do Brasil influenciou muito nessa relação entre trabalho domiciliar e trabalho doméstico, sobretudo se relacionarmos as atividades de confecção. A herança patriarcal, que determinava os trabalhos masculinos e femininos, tornando os afazeres domésticos como obrigação da mulher, aliou a prática de costura como uma “prenda doméstica” tornando o trabalho de confecção em domicílio subordinado ao trabalho doméstico (NUNES; CAMPOS, 2006).

O trabalho domiciliar se torna uma extensão do trabalho doméstico, partindo do pressuposto que as atividades de confecção em domicílio geralmente são realizadas na sala, área ou em algum quarto da casa, dividindo o tempo entre costurar e realizar

os afazeres domésticos. Essa articulação entre vida doméstica e trabalho domiciliar tem como principais consequências as longas jornadas de trabalho, informalidade, baixa remuneração, lesões por esforço repetitivo e desvalorização da atividade. Essas e muitas outras consequências corroboram para compreensão de que o trabalho domiciliar, no desempenho de atividades de confecção é desenvolvido de forma precária, extenuante e invisível aos olhos da sociedade (NUNES e CAMPOS, 2006).

Compreende-se que mesmo o trabalho domiciliar gerando valor, a articulação que ele estabelece com os afazeres domésticos, o desvaloriza. Considerando que culturalmente o trabalho doméstico é tido como um não trabalho, pois, não gera mais-valia, todo trabalho realizado dentro desse ambiente não é considerado trabalho e sim mais uma atividade “doméstica”.

3.2 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E O TRABALHO EMOCIONAL

Piscitelli (2009) ao fazer uma breve análise da divisão sexual do trabalho no Brasil, destaca que a igualdade entre homens e mulheres está longe de acontecer. Mesmo com maior grau de escolaridade e em funções semelhantes não há igualdade salarial. A autora ressalta também que além dos baixos salários, das horas extensas de trabalho (considerando o segundo turno realizado em casa), a mulher ainda enfrenta a questão da violência, que agrava quanto mais ela tenta sair dos antigos paradigmas tradicionalistas, de submissão e poder.

Nesse contexto acima analisado do desempenho de atividades de confecção no ambiente familiar, a divisão sexual do trabalho prevalece desigual. Justamente por ser entendido como extensão do trabalho doméstico, o trabalho domiciliar fica a cargo da mulher, formando um ciclo geracional, na medida em que as filhas tendem a seguir o mesmo caminho das mães.

Quando o homem assume alguma função no trabalho domiciliar, nesse caso, nas atividades de confecção, geralmente carregam outra identidade de trabalho, bem mais valorativa. Essa identidade está vinculada ao princípio de hierarquização (valorização do trabalho masculino em detrimento do trabalho feminino) constituído por Kergoat (2009) e ao conceito de escada rolante (facilidade e valorização do homem em ocupações femininas), desenvolvido por Willians (2013).

Essa divisão sexual do trabalho tanto no trabalho domiciliar, quanto nos afazeres domésticos, faz com que a mulher exerça uma jornada de trabalho longa e extenuante. Situações como essa fazem com que o trabalho emocional passe a ser imprescindível para harmonia no convívio familiar e em sociedade.

Hochschild (2003) aponta a necessidade de haver um gerenciamento das emoções ou trabalho para gerar sentimentos apropriados em determinadas situações. Sendo mais acentuado entre as mulheres do que em homens, tendo em vista toda discussão já realizada até aqui.

Para a autora há diversas formas de agir em relação à administração das emoções: agir na superfície (fingir, sentir), agir em profundidade (sentir realmente a emoção) e representação profunda (onde a pessoa atua para si mesmo). Em todas essas formas de trabalho emocional existem os custos, tais como estresse (estranhamento de si), despersonalização do trabalho (perca do sentido, trabalho como robô) e a busca de terapias de ajuda (perca da autenticidade, do contato com os próprios sentimentos).

[...] O trabalho das emoções feito principalmente pela mulher para lidar com a dupla jornada, e o custo emocional que ele representa tanto na negação do problema quanto nas separações conjugais que causam, tornam-se uma terceira jornada de trabalho na vida cotidiana (BONELLI, 2003, p. 362).

No estudo realizado por Bolzan (2015) sobre o trabalho das emoções de assistentes sociais em Goiânia-GO, a autora pode compreender que as trabalhadoras devem possuir capacidade de gerir seus próprios sentimentos, na tentativa de ser gentil, cordial, saber agir em momentos delicados, mesmo que não seja essa sua vontade. Esse trabalho emocional é preciso ser realizado em diferentes profissões, principalmente nas mais diferentes áreas do setor de serviços, como no caso desse artigo especificamente.

A mulher nesse contexto de subcontratação, longas jornadas, não reconhecimento de suas atividades domiciliares e domésticas como trabalho de fato, está constantemente administrando suas emoções. Na medida em que é necessário produzir um estado emocional para outras pessoas e para si mesmo, na tentativa de conseguir cumprir tudo que lhe foi encarregado e manter a harmonia no meio em que está inserida, respeitando as regras de sentimentos apropriados para as determinadas situações.

Finalizo essa sessão com uma fala de Jaggar (1997) que descreve a força da constituição de determinados conceitos e tipos ideais dentro da nossa sociedade e como as emoções estão diretamente relacionadas ao uma construção social e cultural, perpetuando as desigualdades e preconceitos ao longo do tempo.

“Dentro de uma sociedade hierárquica, as normas e os valores predominantes tendem a servir aos interesses dos grupos dominantes. Dentro de uma sociedade capitalista, de supremacia dos brancos e orientada para o masculino, os valores predominantes tenderão a servir aos interesses de homens brancos ricos. Consequentemente, é provável que desenvolvamos uma constituição emocional completamente inadequada para o feminismo. (...) seja qual for nossa orientação sexual, é provável que sejamos homofóbicos; seja qual for nossa classe, é provável que sejamos pelo menos um tanto ambiciosos e competitivos; seja qual for nosso sexo, é provável que sintamos desprezo

pelas mulheres. As respostas emocionais podem estar tão profundamente arraigadas em nós, que se tornam impermeáveis a argumentos intelectuais e podem vir à tona mesmo quando dirigimos louvores fingidos a convicções intelectuais diferentes” (JAGGAR, 1997, p. 173).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No campo da sociologia das emoções, o trabalho domiciliar, como no caso desta discussão de desenvolver atividades de confecção no ambiente doméstico, configura-se com uma ocupação que assim como muitas outras majoritariamente femininas, desenvolvem rotineiramente uma jornada de trabalho emocional, vislumbrando apresentar-se bem de acordo com normas e padrões pré-estabelecidos pela sociedade, mascarando suas emoções reais. Bolzan (2015) ressalta que a subjetividade nesse sentido se engaja no trabalho, trazendo uma intensa relação entre o pessoal e o que é repassado ao público.

Diante do exposto, percebe-se que tanto as calorosas discussões sobre as emoções quanto a investigações no campo do trabalho em serviços, são recentes e de extrema relevância na área sociológica, tendo em vista as metamorfoses do mundo do trabalho nas últimas décadas.

No contexto atual é imprescindível compreender a questão de gênero e as emoções enquanto categorias de análise fundamental nos estudos sobre trabalho, sobretudo no campo da sociologia. Possibilitando assim a compreensão de forma mais abrangente das estruturas sociais, dos sujeitos envolvidos bem como das desigualdades produzidas.

Com as intensas mudanças no mundo do trabalho surgiu novas oportunidades de empregos qualificados, flexibilização do trabalho, maior participação da mulher no setor produtivo, tudo conspirava a favor, de acordo com Hirata (1998). No entanto, em meio a tantas mudanças aumenta-se a precarização do trabalho feminino. Compreende-se que apesar de ganhos significativos em termos de direitos, o aumento do trabalho assalariado na esfera produtiva, as representações sobre o trabalho feminino e a divisão sexual do trabalho, nos moldes tradicionalistas, não alteraram.

Observa-se que mesmo com os avanços de estudos da área, mudanças significativas nas relações de trabalho, as diferenças entre homens e mulheres ainda persistem, seguindo a lógica da formação histórica da nossa sociedade. Os apontamentos feitos ainda são iniciais, não se esgotam aqui, necessitando de estudos posteriores para apreender mais desse contexto de luta por mais igualdade e principalmente do trabalho emocional.

REFERÊNCIAS

- BOLZAN, Débora de Paula. **Trabalho emocional e gênero: dimensões do trabalho no Serviço Social.** *Revista Em Pauta*, Rio de Janeiro _ 2o Semestre de 2015- n. 36, v. 13, p. 104 - 122
- BONELLI, Maria da Glória. **Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções.** *Cad. Pagu*, Campinas, n. 22, p. 357-372, June 2003.
- DAL ROSSO, Sadi. **O ardil da flexibilidade: os trabalhadores e a teoria do valor.** São Paulo: Boitempo, 2017.
- DUTRA, Lúbia Gonzaga. Um olhar sobre o trabalho e o consumo de serviço em fast food. In: NUNES, Jordão Horta. **A seu dispor!:** sociologia do trabalho em serviços. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.
- GORDON, Steven I. The sociology of sentiments and emotion. In: **Social Psychology: Sociological approaches.** Ed. Basic Books, 1981.
- HIRATA, Helena. **Reestruturação produtiva, trabalho e relações de gênero.** *Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo.* Ano 4 – número 7, 1998, p. 5-27.
- HOCHSCHILD, Arlie. Between the toe and the heel. Jobs and Emotional Labor. In:_____. **The managed heart.** Commercialization of human feeling. Berkeley: University of California Press, 2003 [1983], p. 137-161.
- JAGGAR, Alison. Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista. In: JAGGAR, Alison e BORDO, Susan. **Gênero, corpo e conhecimento.** Rio de Janeiro: Roda dos Tempos, 1997.
- KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena at al. **Dicionário crítico do feminismo.** São Paulo: UNESP, 2009.
- NEVES, Magda de Almeida. Reestruturação produtiva, qualificação e relações de gênero. In: ROCHA, Maria Isabel Baltar. **Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios.** São Paulo: Editora 34, 2000. p. 171-186.
- NUNES, Jordão Horta. “A seu dispor!” – Identidade e interação no trabalho em serviços. In: NUNES, Jordão Horta. **A seu dispor!:** sociologia do trabalho em serviços. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.
- NUNES, Jordão Horta; CAMPOS, Andréia Ferreira. **O setor de confecções em Goiânia: análise de relação entre trabalho doméstico e trabalho domiciliar.** *Revista Sociedade e Cultura*, v. 9, nº 2, jul/dez, 2006.
- PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In ALMEIDA, Heloísa e SZWAKO, José Eduardo (orgs.). **Diferenças, igualdade.** São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009, p. 116 – 148.
- TORRES, Marieze Rosa. **Hóspedes incômodas?** Emoções na sociologia norte-americana. Tese de doutorado da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFB. Salvador, 2009.
- WILLIAMS, Christine L. **The Glass Escalator, Revisited:** gender inequality in neoliberal times, SWS Feminist Lecturer. *Gender & Society*, vol. 27, no. 5, October 2013, p. 609-629.
- YANNOULAS, Silvia. Introdução: sobre o que nós, mulheres, fazemos. In: Yannoulas, Silvia. (Org.). **Trabalhadoras.** Análise da feminização das profissões e ocupações. 1ed. Brasília: Abaré, 2013.

Recebido: 03/04/2018

Aceito: 22/11/2018